

USO E CONHECIMENTO SOBRE PROTETORES BUCAIS POR ESPORTISTAS: ESTUDO EXPLORATÓRIO NO MUNICÍPIO DE PIRATINI-RS

**DANILO MADRUGA GARCIA¹; EDUARDO DICKIE DE CASTILHOS²; TANIA
IZABEL BIGHETTI³**

¹Universidade Federal de Pelotas – dickgarcia@bol.com.br

²Universidade Federal de Pelotas – eduardo.dickie@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – taniabighetti@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

A atividade física e o esporte vêm sendo considerados elementos necessários na forma de vida do ser humano e conhecimentos têm sido produzidos considerando a importância destas práticas em relação à qualidade de vida (PELLEGRINOTTI, 1998). Para a implementação da Política Nacional de Promoção de Saúde (BRASIL, 2006), foram eleitas áreas prioritárias, entre as quais se destaca o estímulo à atividade física e práticas corporais.

Entre as atividades físicas, estão incluídos os esportes com ações de contato. Como exemplos podem ser citados: rugby, handebol, boxe, artes marciais mistas, taekwondo, basquetebol, futebol, entre outros (GONZALEZ, 2004).

Grande parte dos praticantes de esportes de contato está sujeita a sofrer lesões em tecidos moles, como cortes nos lábios, ferimentos na língua e laceração na bochecha, bem como em tecidos duros, representados por fraturas dentárias e ósseas, além de avulsão do elemento dental. A proteção de estruturas dentárias e orofaciais nos esportes de contato é alvo de estudos, visando obter os menores índices possíveis de injúrias (MEGALLE, 2008).

A Academia Brasileira de Odontologia do Esporte (ABROE) classifica os protetores em cinco tipos: I - estoque ou pré-fabricados, de material elástico em tamanhos pré-determinados; II – termoplásticos, plastificados em água quente e moldados na boca do atleta conhecidos como do tipo “ferve e morde”, confeccionados de copolímeros de PVA (polivinil acetato). Já os protetores bucais tipo III, IV e V são confeccionados pelo cirurgião-dentista por isso são chamados de protetores personalizados ou individualizados (NAMBA, 2013). Porém, nem todos praticantes de esporte de contato são esclarecidos quanto à importância do uso dos protetores bucais, pois ainda são pouco divulgados, bem como as formas de aquisição (SIZO et al., 2009).

O Conselho Federal de Odontologia (CFO, 2016), reconheceu, por meio da Resolução CFO nº160/2015, a Odontologia do Esporte como especialidade. Assim, destaca-se a necessidade e responsabilidade de o cirurgião-dentista participar de ações de prevenção de acidentes desportivos, tanto com atividades educativas, quanto na confecção de protetores bucais, numa tentativa de diminuir tais casos e proteger os indivíduos que têm relação com esportes mais violentos (COSTA, 2009).

O objetivo deste estudo foi identificar a prevalência do uso de protetores bucais por esportistas e seu conhecimento sobre este tipo de dispositivo.

2. METODOLOGIA

Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Medicina da UFPel (Parecer Consustanciado no. 1.400.588) e tratou-se de

um estudo observacional transversal descritivo, de caráter exploratório (GIL, 1991).

Foi conduzido em quatro escolas e três centros de treinamento desportivos do município de Piratini/RS. A amostra foi constituída de indivíduos praticantes de algum esporte de contato nas escolas públicas municipais e estaduais, centros de treinamento esportivo, academia de artes marciais, selecionados por conveniência do pesquisador.

Foi utilizado questionário que contemplava variáveis socioeconômicas e de identificação (sexo, idade, estado civil, ocupação/profissão e gasto mensal com atividades esportivas); relativas a orientação/recomendação/exigência de professores sobre uso de protetores; conhecimento sobre tipos de protetores; relação uso/desempenho; e necessidade de orientações. Para a identificação dos tipos de protetores pelos esportistas, foi apresentada uma gravura com fotos.

A coleta dos dados foi realizada no período de 1 de março a 31 de maio de 2016 nos turnos da manhã, tarde e noite conforme o agendamento. Durante a distribuição dos questionários foi solicitada a leitura pelos participantes e foram feitos esclarecimentos das dúvidas e explicação sobre a escolha do tipo de protetor na gravura. Os questionários foram revisados, seus dados digitados com utilização do programa *Epi Data* versão 3.1 e analisados forma descritiva com uso do programa *Epi Data Analysis*.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Responderam ao questionário 40 atletas com idade média de 24 anos, na maioria, homens e solteiros. O gasto dos atletas com atividade física variou de R\$ 20,00 a mais de R\$ 200,00 com valor médio de R\$ 121, 00.

O esporte mais praticado foi futebol (n=24), seguido por lutas (n=16) e basquetebol (n=8). O tempo médio de prática de atividade física atletas foi de 16 anos. Treze atletas relataram utilizavam protetor bucal, sendo o tipo II mais usado. Dos atletas, 31 não tinham conhecimento sobre cuidados com o protetor bucal personalizado e não saberiam indicar um profissional para confecção deste dispositivo.

Em relação à experiência com acidentes, 50% dos que praticavam futebol 62,5% dos que praticavam basquetebol e 75% dos que praticavam lutas relataram ter tido algum tipo de acidente. Apenas 9 atletas relataram o tipo de acidente (cortes). Entre os atletas que praticavam dois ou mais esportes, observou-se que, dos 13 atletas, 6 relataram não usar protetor bucal. Dos que usavam, o tipo II foi o que mais apareceu (n=5).

Segundo relatos de 21 atletas, seus professores falaram sobre a importância do uso de protetores. Em relação ao estímulo para uso de protetores, 20 atletas relataram que seus professores o faziam e informavam sobre riscos de acidentes bucais. Segundo 15 atletas, seus professores exigiam o uso durante as aulas.

A proteção de estruturas dentárias e orofaciais nos esportes de contato tem sido alvo de estudos, visando obter os menores índices possíveis de injúrias (MEGALLE, 2008). A prevalência observada foi de 32,5%, semelhante ao do estudo de outros estudos (BATISDA et al., 2010) e diferente dos 17% encontrados por Rodrigues (2005). O protetor bucal mais utilizado pelos atletas foi o tipo II que tem um custo médio de R\$ 25,00. Considerando o relato dos atletas de gasto médio mensal de R\$ 121,00 com atividades esportivas, este valor representa em torno de 30% do total. Ao se pensar no risco de acidentes que está

sendo prevenido, este valor poderia ser insignificante dependendo da duração do protetor.

O uso de protetores vai além da garantia de saúde bucal para os atletas. Garantem também economia aos clubes, e aos próprios atletas, em relação aos tratamentos odontológicos, já que o custo de um protetor bucal personalizado pode chegar a ser 26 vezes menor que o tratamento de um traumatismo bucofacial (TERADA et al., 2015).

Entre os pressupostos da Política Nacional do Esporte (BRASIL, 2005) é destacado o desenvolvimento econômico, no sentido de fomentar o potencial econômico que gera empregos e renda, seja na fabricação e comercialização de produtos esportivos, entre outros; com reflexos positivos na formação humana e na valorização da indústria nacional e da cadeia produtiva do esporte.

Neste sentido, é muito importante que a Odontologia Desportiva como especialidade que integra uma equipe de profissionais das mais diversas áreas, tenha participação mais ativa na articulação das políticas nacionais de saúde/saúde bucal com as políticas nacionais de educação e de esporte.

Apesar de o estudo envolver uma amostra de conveniência, alguns aspectos podem ser destacados e apontam a necessidade de estudos mais detalhados. A prática desportiva, por ter se tornado cada vez mais um hábito de vida, necessita da intervenção maior da Odontologia Desportiva, visando implementar hábitos de saúde oral, pois detém um papel preponderante na prevenção e tratamento de doenças ou traumatismos orais, de forma a aumentar a performance desportiva dos atletas (TERADA, 2015).

Por fim, a literatura corrobora com a informação de que também é necessário que estatísticas sejam realizadas, a fim de se catalogar casos envolvendo os esportistas em situações que necessitam da intervenção da Odontologia; bem como suas respectivas, idades, jogos e épocas envolvidos, entre outros itens, para que um melhor plano de prevenção possa ser colocado em prática em cada caso (COSTA, 2009). Este estudo exploratório pode contribuir para o delineamento de diversas pesquisas no município ou em outros com o mesmo porte populacional.

4. CONCLUSÕES

A prevalência do uso de protetores bucais tipo I e tipo II na amostra avaliada foi 32,5%. Acidentes foram relatados por 50% dos atletas que praticavam futebol, 62,5% dos que praticavam basquetebol e 75% dos que praticavam lutas. Observou-se também que a maioria dos atletas não conhecia protetores bucais personalizados, não tinha orientações sobre cuidados com o dispositivo e não saberia indicar um profissional para que pudesse confeccioná-los. Estes resultados apontaram a importância de se investir em uma política de educação em saúde sobre protetores bucais tanto nas escolas como nas academias de município; bem como investigar como maior detalhamento os tipos de protetores que estão sendo utilizados, onde estão sendo adquiridos ou confeccionados, os acidentes que os atletas têm sofrido e as suas sequelas e os serviços que têm buscado.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BATISDA, E.M. et al. Prevalência do uso de protetores bucais em praticantes de artes marciais em um município do norte do Paraná. **Rev. Bras.Odontol.**, v. 67, n.2, p.194-198, 2010.

BRASIL. Ministério do Esporte. **Política Nacional do Esporte**. Resolução Nº 5 de 14 de junho de 2005. Diário Oficial da União, Seção 1, Nº 157, 16 de agosto de 2005, p. 128-132. Acesso em: 12 mai 2016. Disponível em <http://cev.org.br/arquivo/biblioteca/4018602.pdf>

BRASIL. Ministério da Saúde. **Política Nacional de Promoção da Saúde**. 2006. Disponível em http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_promocao_saude_3e_d.pdf. Acesso em: 13 out 2015.

CFO. Conselho Federal de Odontologia. Odontologia do Esporte agora é especialidade. Odontologia em Revista. 7ª. ed. . p. 6-7, 2016. Acesso em: 10 mai. 2016. Disponível em <http://cfo.org.br/wp-content/uploads/2016/03/revista7.pdf>.

COSTA, S. S. et al. Odontologia Desportiva na luta pelo reconhecimento. **Rev. Odontologia da Universidade Cidade de São Paulo**, São Paulo, v. 21, n. 2, p. 162-168. 2009.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3ª ed. São Paulo: Atlas, 1991. 45p.

GONZALEZ, F. J. Sistema de classificação de esportes com base nos critérios: cooperação, interação com o adversário, ambiente, desempenho comparado e objetivos táticos da ação. **Revista Digital – Buenos Aires – Ano 1**, n. 10, 2004. Acesso em: Disponível em <http://www.efdeportes.com/efd71/esportes.htm>. Acesso em: 13 out 2015.

MEGALE, R. G. T.. **Importância dos protetores bucais para esportes no meio militar**. 2008. 29f. Trabalho de Conclusão de Curso. Escola de Saúde do Exército. Curso de Formação de Oficiais do Serviço de Saúde, Rio de Janeiro, 2008.

NAMBA, E. L. Os rumos da Odontologia do Esporte no Brasil. **Rev. Bras. de Odontologia**. Rio de Janeiro, v. 70, n. 2, p. 160-164, 2013.

PELLEGRINOTTI, I. L. Atividade física e esporte: a importância no contexto de saúde do ser humano. **Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde**, v. 3, n. 1, p. 22-28, 1998.

RODRIGUES, H. J. R. **Padrão de conhecimento do atleta amador de Bauru-SP, relacionado aos cuidados da saúde bucal**. 2005. 128f. Dissertação (Mestrado em Odontologia em Saúde Coletiva). Faculdade de Odontologia de Bauru. . Bauru, 2005. Acesso em: 12 mai 2016. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/25/25141/tde-27092005-170311/>.

SIZO et al. Avaliação do conhecimento em Odontologia e Educação Física acerca dos protetores bucais. **Rev. Bras. Med. Esporte**, v. 15, n. 4, p. 282-286, 2009.

TERADA, R. S. S et al. Odontologia desportiva: melhor performance com a atuação do dentista na prática da atividade física. **Coleção Pesquisa em Educação Física**, v. 14, n. 4, p. 131-138. 2015.